

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REACTOR EM CHIEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMMARIO. — Junqueira Freire e Alvares de Azevedo. — Romance, O testamento do Sr. Chauvelin. — O Co-lyseo. — Typos. — Capítulo dos milagres (contos da meia noite). — Canbenho. — A caridade. — A dama dos cravos vermelhos. — Revista de theatros. — Poesias: — Perdão, Adeus á vida, Enlevo.

Junqueira Freire e Alvares de Azevedo.

Não ha muito tempo que á litteratura brasileira sorprehendêram dois lindos volumes de poesias: era um de Alvares de Azevedo, outro de Junqueira Freire.

Junqueira Freire foi o poeta místico, o poeta do claustro: Alvares de Azevedo o poeta do povo, o poeta das turbas. Não ha paralelo entre um e outro; um fallava para o mundo, outro para Deus: a inspiração de um partia do sentimento, a do outro do pensamento. Comtudo negar-se intelligencia superior a Junqueira Freire fôra o mesmo que desconhecer-se o immenso talento de que era dotado Alvares de Azevedo: fôra fechar os olhos á magnetica influencia que se desprende do limpido clarão da lua, porque não se pôude admirar os fios dourados do sol em uma manhã de primavera.

Não será por demais um estudo ainda que ligáremos sobre estes dois poetas.

Junqueira Freire, já dissemos alguros, diffiniu-se a si mesmo no seu volume de poesias lançado ao publico e por este devorado com tanta avidez. Este livro composto durante os tres annos de sua vida claustral mostra todo o sentimento religioso de que o seu autor se achava possuidor no isolamento do seu claustro, no meio daquellas frias e severas paredes respirando por toda a parte tristeza, e as mesmas idéas lugubres da morte. O facho luminoso de sua razão patenteia os segredos do céo e os horrores do vicio; incule-nos n'alma as doçuras da crença nascida de uma reflexão alurada, ao mesmo tempo que nos faz tremer com a mesma idéia que amedronta o homem prevenindo as tempestades do Sul.

Talvez por isso Junqueira Freire agrade menos que Alvares de Azevedo.

Poeta mais pelo sentimento, este tem uma phantasia ardente e apaixonada, com tendencias ao vago, á duvida, ao scepticismo; as suas inspirações são terrenas todas, a maior parte nascidas do desanimo, no meio das torpezas e corrupções mundanas: não tinha aspirações ao infinito, a este bello imaginado no céo, proveniente de Deus.

Junqueira Freire estudava Chateaubriand, Alvares de Azevedo lia Bocage e Gœthe. Junqueira Freire traduz de sua alma toda a suave magestade de que era dotada: Alvares de Azevedo deixa em todas as suas obras translusir o sentimento que lhe nascia no meio da mephistica atmosphera de paixões da sociedade em que vivia. Poucas vezes deixa ver em suas produções o resultado de uma meditação aturada.

Ambos eram poetas, porém com vocações distintas.

Como o mar que algumas vezes quer invadir a terra, esquecido das balizas que o artifice supremo lhe collocou nas praias; assim Alvares de Azevedo canta as injusliças do mundo, deixando-se arrebatar muitas vezes pelos transportes do coração.

As poesias de Junqueira Freire são ainda, além de singelas, bastante severas na forma: hesitam entre o que ha de natural na prosa e a cadencia medida do ritmo. Como elle mesmo diz, cantou o monge e a morte, «que era o que podia cantar, encerrado nas muralhas solitarias de um claustro, ouvindo a cada hora os toques continuados de um sino que chama á oração, vendo una turma de homens com vestidos talares, negros, que levavam-n'o á recordação dos costumes dos tempos antigos, passeando sempre sobre um chão povoado de sepulchros, e conversando com o silencio do dia e a solidão da noite.

Junqueira Freire é um poeta ecletico, que não

despreza os antigos para cahir nas exagerações dos modernos: nos seus momentos de inspiração, não deixou de seguir a Dante e Milton para se guiar pelas pégadas do cego de Chios.

A' primeira vista o seu livro parece uma continua contradição; mas attentai-lhe o fundo e achal-o-heis sempre o mesmo.

Leiamos o que delle diz o poeta:

« Transparece aqui um estudo rapido e passageiro, mais como uma ambição versatil, multicolor, incerta, do que como um trabalho methodico, severo, profundo, — apanagio da idade madura. Ha mais desejos que pensamentos, mais crepusculo que luz, mais duvidas que proposições, mais presentimentos que fé. Ha uma vocação ardente, indeterminada, insaciável, quasi infinita, para uma imagem que não se difine ainda, para um incógnito que, qualquer que seja — deve ser grande. »

Resumbrá d'estas linhas alguma causa de modesto, de duvidoso, mas d'essa duvida que domina o espirito embalado no seio da religião, no meio das preces e orações. Nas poesias de Junqueira ha a contemplação do immenso; ha uma constante aspiração para o vago, o infinito, o pantheismo mesmo.

Por tudo isso nunca seria Bocage.

O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN

ROMANCE

ALEXANDRE DUMAS.

V.

AO LEVANTAR DO SOL.

(Continuado da n. II.)

O rei entregue ás proprias reflexões nem mais buscou interromper o obstinado doutor, cujo sonno regulava tão bem como um relógio, e durava tanto quanto elle havia predito.

Deram seis horas e meia. O criado particular bateu, e Lamartinier não teve remedio senão acordar, passando para um quarto contíguo, onde, enquanto se arranjavam as camas, vestiu-se, dispôz a ordem do serviço dos outros medicos e logo depois saiu.

Começava o movimento diurno do palacio. Primeiramente entraram na cámara do rei os criados, que deram-lhe as meias, ataram-lhe as ligas e o vestiram finalmente. Depois a um e um vieram entrando os cortesãos.

O rei passou para a seu a sala, apoiando-se

defronte do Christo, suspirando muitas vezes no meio do silencio geral.

Todos haviam-se ajoelhado tambem.

De tempos em tempos como o rei voltava-s para a balaustrada onde costumavam ficar o seus mais familiares cortezãos, o duque de Ayen e o duque de Richelieu perguntavam-se baixinho:

— A quem procurará o rei?

— Certamente não é a nenhum de nós, porque já nos devia ter visto: mas olhe, eis-o que se levanta.

Com effeito Luiz XV acabava as suas orações ou antes, estivera tão distraido, que nem havia rezado.

— Não vejo aqui o meu guarda-roupa, disse ele volvendo os olhos para todas as pessoas.

— O Sr. de Chauvelin? perguntou o duque de Richelieu.

— Sim, o Sr. de Chauvelin.

— Pois elle está aqui, Sire.

— Onde?

— Alli, disso o duque voltando-se. Depois como uma pessoa que se mostra sorprendido.

— Ah! ah! o Sr. de Chauvelin ainda reza.

Com effeito o marquez, o divertido heroe, o alegre companheiro dos sacrilegos brinquedos do rei, o espirituoso inimigo dos deuses em geral e de Deus em particular, o marquez ficava ainda ajoelhado não só contra o seu costume mas ainda contra a etiqueta.

— Marquez, interrompeu-o o rei sorrindo-se, dar-se-ha que esteja dormindo?

O marquez levantou-se lentamente, persignou-se, e saudou Luiz XV com profundo respeito.

Todos tinham vontade de rir-se vendo as faccias do Sr. de Chauvelin: julgavam agora que elle repetia uma de suas costumadas graçolas e tanto o rei como todos os outros riram-se conforme o costume.

Mas logo depois o rei tomado um ar grave, disse:

— Acabemos com isto, marquez: sabe que não gosto que se brinque com cousas sagradas. No entanto como é seu desejo alegrar-me um pouco, segundo presumo, perdão a falta pela intenção, prevenindo-lhe contudo que hoje nada pôde mais alegrar-me, por que ando triste como a morte.

E deu um profundo suspiro terminando estas palavras.

— V. M. triste! perguntou o duque d'Ayen: e o que pôde tristecer a V. M.?

— Minha saude, duque, minha saude, que de dia em dia enfraquece mais. Ja fiz com que Lamartinier dormisse junto do meu leito para tranquilizar-me, mas aquelle demônio como de propósito aterroriza-me mais. Felizmente aqui

72
sempre ha disposição para rir-se, não é assim, Chauvelin?

As provocações do rei ficaram sem resultado.

O marquez de Chauvelin, cuja phisionomia intelligent e risonha reflectia todos os sentimentos do rei; o perfeito cortesão que sempre antecipava os menores desejos do rei; o marquez desta vez sem dar uma resposta permaneceu sombrio e triste e inteiramente absorto em inesplaináveis pensamentos. Não era isso habitual nello, e por conseguinte alguns julgaram que continuava no seu gracejo, e que aquella gravidade terminaria por provocar uma geral gargalhada. Mas o rei que naquelle dia não tinha amanhecido com disposições para rir-se foi de encontro à tristeza do seu favorito, abrindo-lhe uma brecha:

— Que diabo vem a ser isso, marquez? Dar-se-ha que pretenda continuar o meu sonho desta noite? que queira tambem enterrar-se, ainda vivo?

— Oh! V. M. sonhou isto? perguntou Richelieu.

— Sim, tive um pesadelo, duque, e darei graças a Deus se elle não realizar-se. Mas... o que terá Chauvelin?

O marquez ouvindo pronunciar o seu nome inclinou-se sem responder.

— Falle, falle, marquez; exclamou o rei.

— Sire, respondeu o marquez, estou reflectindo.

— Em que? perguntou Luiz XV admirado.

— Em Deus, Sire!

— Em Deus?

— É verdade, Sire. Deus... é o princípio da sabedoria.

Este preambulo frio e monacal fez estremecer o rei que fitando no marquez um olhar atento, julgou ler em sua phisionomia fatigada, envelhecida, a causa provavel daquella tristeza desusada.

— O principio da sabedoria! repetiu o rei. Ah! sim... Mas o senhor não pensava em Deus unicamente: em quo pensava mais?

— Em minha mulher e em meus filhos, que ha muito tempo não vejo, Sire.

— É verdade, Chauvelin... tenho-me esquecido de que é casado e de que tem filhos, e tambem o senhor, por que ha quinze annos que nos vemos diariamente, e é esta a primeira vez que me fala nisto. Pois bem, mande-os buscar para aqui; a sua casa no castello não é tão pequena que não possa accommodar todos.

— Sire, respondeu o marquez; Mon de Chauvelin não quer mais saber do mundo: hoje vive entregue ás suas entêcias e...

— E para obter isto, prometendo esta vida que se passa em Versalhes, — porcheando; é o mesmo que se d...

posso arrancar de Saint Denis. Não sei que remedio lhe dê, meu caro marquez.

— Desculpe-me V. M., porem ha um.

— Qual?

— Hoje acaba-se o meu mez: se o rei me permitisse ir a Grosbois passar alguns dias com minha familia...

— Está brincando, marquez! pois quer deixar-me??

— Eu voltarei, Sire. Mas não quizera morrer sem haver tomado algumas disposições testamentarias...

— Morrer! que lembrança de homem! morrer! e como elle diz isto!.... que idade tem, marquez?

— Dez annos menos que V. M. com quanto pareça ter dez annos mais.

O rei voltou-lhe as costas e dirigindo-se para o duque de Coigny, que perto estava, disse:

— Oh! está aqui, Sr. duque! não podia aparecer mais a propósito; hontem por occasião da cesta fallou-se a seu respeito. E verdade quo hospedou no meu castello de Choisy ao infeliz Gentil Bernard? Si é verdade, praticou uma boa accão, mas Deus me livre que todos os meus castellões fizesssem o mesmo, recolhendo todos os poetas: afinal não me restaria para habitar sinão Bicetre. E como passa aquello desgraçado?

— Sempre mal, Sire.

— E do que soffre elle?

— Soffre as consequencias de so haver divertido muito outr'ora, e do querer ainda lembrar-se de sua mocidade.

— Comprehendo, comprehendo. Mas elle já é velho bastante?

— Peço desculpa ao rei, mas tem apenas uns annos mais que V. M.

— Na verdade isso é terrivel, disse o rei voltando as costas ao duque de Coigny: e depois fallando consigo mesmo: Estes homens hoje estão não sómente tristes, mas até estúpidos e broncos.

(Continua.)

O Colyseo.

A constituição do Colyseo começou no reinado do imperador Vespasiano e terminou no de Tito, anno 79 da era christã. Três annos bastaram para a construcção d'esse immenso edifício que lira o nome que tem de suas gigantescas proporções.

Martial diz-nos que foi edificado no mesmo lugar em que existiram as lagoas de Nero. O edifício ocupava cerca de seis geiras e o seu recinto, de forma oval, apresentava uma extensão de 120 pés de comprimento sal - 513 de largo

Podia conter oitenta e cinco mil pessoas, e era quatro vezes maior que o famoso amphitheatre de Verona. As paredes exteriores tinham 157 pés de altura e quatro ordens de janellas, sendo cada uma d'essas ordens ornada de diferente architectura.

Tinha um destino odioso e sinistro aquele vasto e luxuoso edifício. Era ali que se davam os grandes combates entre os gladiadores e animaes ferozes; era ali que se entregavam ás feras milhares de christãos; era ali ainda que em grandes ondas corria o sangue puro e sagrado que fecundou a redempção humana.

O Colyseo é por conseguinte para os christãos de uma recordação pungente e de doloroso interesse.

As feras que deviam combater eram alojadas em abobadas que se construiam em torno da arena. Por cima d'ellas achava-se o *prodium*, especie de galeria circular ornada de columnas e balaustradas. Era aquelle o logar de honra, onde vinham sentar-se os imperadores em seus estrados de ouro, os sonadores em suas cadeiras de marfim; e os embaixadores e estrangeiros de distinção em lugares apropriados que lho eram reservados.

Esta galeria elevava-se de 12 a 15 pés do solo.

Os condenados que se entregavam ás feras passavam, antes de entrar na arena, pelo *prodium* e iam inclinar-se ante o imperador repetindo:— Cesar, nós que vamos morrer, te saudamos!

A segunda galeria era ocupada pelos cavaleiros e patricios. Distinguiam-se os primeiros dos segundos por sentarem-se em bancos de marmore, dos quaes alguns foram encontrados ainda intactos.

Per cima d'essa galeria apinhava-se o povo, a grande plebe romana que em todos os seus motins adoptava por divisa este brado terrível: — Pão e combates no circo!

Em cada uma das galerias ch gava-se por escadarias interiores sem communicação umas com outras. Grandes vigamentos atravessando o architrave protegiam, quando necessário, os espectadores da chuva e do calor do sol.

A inauguração do Colyseo foi uma solenidade digna do destino d'aquelle vasto mausoléu.

Tito fez alli immolar quatro mil animaes de diferentes espécies. Foi aquelle o preludio das immolações humanas que cedo deveriam começar.

Montaigne diz, com muita razão, que os homens naturalmente sanguinários são ainda mais crucis do que as feras. Comecam por habituar-se com a matança dos animaes e depois saciam-se unicamente com a matança dos seus semblantes.

As escavações praticadas em 1813 no interior do circo deixaram que se descrevissse um

grande numero de subterraneos que pareciam destinados a guardarem animaes ferozes.

Um oraculo predisse que Roma existiria enquanto o Colyseo tambem existisse, mas que no momento em quo o Colyseo tombasse, Roma com elle tombaria, e com Roma o mundo inteiro havia de perecer.

Sabe-se até que ponto esta prophecia cumpriu-se com a queda da Roma pagan, queda que certamente não foi precipitada sinão pela desmoralização aterradora que de semelhantes spectaculos provinha.

Os divertimentos ou antes as matanças do circo tinham um ceremonial de que poucas vezes apartava-se. Um gladiador trazia para arena o escravo condemnado a combater com os animaes ferozes e a ser por elles devorados; o desgraçado carregado de ferros ficava deitado no chão até que o imperador chegasse. Davam então o signal de que a luta devia começar; aliviam o escravo de suas cadeias, e ao som das trombetas abriam as grades por onde as feras sedentas de sangue espreitavam a victima sobre que iam atirar-se.

Comprehende-se quanto de horrorosa carnagem continha-se n'aquelle a que davam o nome de combate.

A victima depois de algumas tentativas de inutil resistencia cahia no meio dos gritos e aplausos da multidão. Si ella implorava ensanguentada e semi-morta a compaixão dos espectadores, levantavam-se indignados e com os punhos cerrados protestavam o desejo de verem ainda mais demorado o sacrificio.

O povo romano necessitava de sangue a todo preço.

O unico meio de escapar-se á morte era dar-a ao inimigo. Alguns combatentes intrépidos e ageis conseguiam-n'o; mas casos d'esses eram mui raros. Quasi nunca as portas do circo se tornavam a abrir para aquelles que uma vez as tinha atravessado.

Ver.

Types.

Em um dos estabelecimentos de banhos nas costas da Normandia, via-se o estio passado, uma joven encantadora passeiar, coxeando, de braço com um cavaleiro joven, bello, porém que coxeava como ella.

A historia deste casal de aleijados, por diversas maneiras tem sido contada; porém á que damos mais originalidade é a seguinte:

O condé D.... gentil-homem, polaco, queria casar-se com uma ingleza que habitava em Paris, e pela qual sentia-se vivamente apaixonado. Os pregões já tinham sido publicados, quando a joven ingleza, indo dar um passeio ao

bosque cahio do cavallo e quebrou a perna. A amputação foi precisa.

A vista da perna de pão, miss D.... deixou-se possuir de grande tristeza, e em seu desespero declarou ao conde que não o esposaria nunca enferma como estava.

O noivo procurou todos os meios para fazê-la abandonar uma tal resolução, porém os seus esforços foram inuteis; miss D.... resistia a todos os rogos.

Desesperado toma um partido verdadeiramente heroico. Foi á casa de um cirurgião de nomeada e disse-lhe:

— Senhor, recorri à vossa habilidade tão célebre para fazer-me o favor de cortar esta perna.

O cirurgião examina a perna e vendo-a perfeitamente sã, respondeu:

— O vosso pedido me sorprende: a perna está boa, completamente boa.

— É verdade, senhor; mas eu vos peço o grande obsequio de fazer-me a amputação.

No auge da surpresa, o doutor julga estar tratando com um louco, e recusa formalmente os seus serviços.

A vista de tal resposta o conde mete a mão na algibeira, tira uma pistola, descarregá-a sobre a perna e diz-lhe mui tranquillo:

— Agora, senhor, vede se preciso ou não dos seus préstimos.

A perna foi cortada, miss D.... comprehendeu este acto de loucura, e logo que o conde ficou bem concluído o casamento.

Quando ellos passam por qualquer parte não ha quem não admire a beleza sem igual d'aquele mulher e ao mesmo tempo quem não entristeça ao velos aleijados.

Trad. de J. A. R. de Rezende.

Capítulo dos Milagres.

(contos da meia noite.)

Entre outros muitos contos deste genero a *Patria* cita o de uma certa criada que à meia noite accordou sobressaltada, em grande pranto exclamando que acabava de ver morrer sua mãe. Esta moça estava em Lião e sua mãe habitava Borgonha. Dous dias depois uma carta dava a noticia oficial da desgraça que a rapariga tinha visto em sonho.

Contar-vos-hei um outro facto do mesmo genero que diz respeito á pessoas da minha familia.

No mez de Dezembro de 1857 o conde Audier d'Auselle meu tio-avô estava bem doente. Idade 88 annos; habitava Paris desde a volta da emigração; nasceu em *S. Fortunat* pequena aldeia, patrimonio de sua familia. Debaixo do

tecto da nossa casa paternal, uma criada enferma, havia muito tempo, expirou horrivelmente.

Eis o caso:

Um dia ás 3 horas da tarde aquella velha chamou dolorosamente a criada que velava sobre ella: esta correu imediatamente, e perguntou-lhe o que queria.

— Rosa, disse ella tranqüillamente, o Sr. d'Auselle acaba de morrer. Vai dizer ao Sr. commandante. (E' o nome pelo qual era conhecido meu tio, official reformado).

A criada sem fazer o menor caso d'isto, arranjou a cama da doente, recommendou-lhe descanso e retirou-se.

Alguns momentos depois o commandante chegou e perguntou como passava a velha Marianna:

— Não está boa, respondeu a criada. Creio que ella delira. Ha pouco chamou-me para dizer que o Sr. seu tio tinha morrido em Paris.

O commandante dirigio-se para o quarto onde estava Marianna; assim que sentio-o, voltou-se dizendo: — Sr. seu tio-avô morreu não haverá dez minutos.

No dia seguinte de tarde o correio trouxe uma carta participando que na vespera ás 3 horas da tarde, Mr. d'Auselle tinha succumbido á um ataque de gotta que padecia cruelmente havia quinze dias.

Marianna não recebeu a verdadeira noticia que havia sonhado. Expirou algumas horas depois de seu velho amo que ella viu morrer a 150 leguas de distancia.

Taes são os factos dos quaes pôde-se garantir a exactidão, mas não explicar. Foi um sonho muito natural que a velha teve, talvez occasionado pela amizade que consagrava ao morto.

Trad. de R. de Rezende.

Canhinho.

Foi Martim Affonso de Sousa, que introduziu no Brasil a cana de assucar, a qual trouxera da ilha da Madeira.

O brasileiro Bartholomeu Lourenço de Gusmão, por antonomasia o voador, foi o inventor do balão aerostatico.

Em 1855 teve lugar no Brasil a primeira ascenção aerostatica feita pelo frances Eduardo Heil.

A primeira missa solemne que teve lugar na terra de Santa Cruz, foi dita por Fr. Henrique religioso franciscano.

Martim Affonso de Sousa Ararigboia foi o primeiro brasileiro condecorado com o habitu de Christo.

Antonio Alvares da Cunha, conde do mesmo título, foi o primeiro vice-rei do Brasil.

André Vidal de Negreiros teve 30 filhos, 5 filhas, 33 netos, 52 bisnetos, 42 ternetos e 24 quarto-netos. Na idade de 124 anos ainda ocupava o cargo de capitão-mor.

O Passeio Publico foi mandado construir pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos em 1783. Começou a ser illuminado a gaz em 2 de Dezembro de 1855. Deve-se esse melhoramento ao Sr. conselheiro Pedreira.

A constituição que nos rege foi formulada por 10 conselheiros, que a concluíram e assignáram em 11 de Dezembro de 1825, no curto espaço de 15 dias.

Em 1847 morreu o ultimo signatário da constituição, que ainda existiu, o Sr. marquez de Maricá.

O juramento da constituição foi celebrado no palacete do campo da Acclamação. Foi o primeiro acto importante que deixou de ter lugar no salão do theatro de S. Pedro d'Alcantara.

Em 2 de Dezembro de 1837 o senador Bernardo Pereira de Vasconcellos fundou o imperial collegio de Pedro II. O primeiro reitor deste estabelecimento foi o Sr. bispo de Anemuria.

Por tres vezes tem o fogo devorado o theatro de S. Pedro de Alcantara. O primeiro incendio teve lugar em 25 de Março de 1824 representando-se nessa noite de gala, a oratoria *Santo Hermenegildo*; o segundo em 9 de Agosto de 1851, tendo-se representado, em beneficio do actor João Antonio da Costa, o drama *Captivo de Fez*; e o terceiro em 26 de Janeiro de 1856 representando-se, em beneficio da actriz Izabel Maria Nunes, o drama *D. Maria de Alencastro*.

A vaccina foi introduzida no Brasil pelo marquez de Barbacena em 1804.

O Sr. D. Pedro I nasceu em uma sexta-feira no anno de 1789; o Sr. D. Pedro II nasceu em uma sexta-feira em 1825.

M. de Azevedo.

A caridade,

A caridade firma as relações que entre os homens devem existir; é ella quem lhes revela a sua mais bella missão, quem dá a conhecer os rapidos progressos do christianismo, quem tem mudado a face do mundo por uma revolução moral, de que ainda estamos longe de sentir os incalculaveis efeitos.

A sociedade antiga estava enfraquecida e arruinada; apareceu o christianismo, e seu braço poderoso susteve o edifício abalado em todas as suas partes. E' que o christianismo fala aos homens a linguagem do coração e evangelisa-os com o amor e a união, isto é com a caridade.

A sua voz divina cahem em pedaços os ferros da escravidão e as turbas tomam horror ao sangue; as distâncias sociais approximam-se; a benevolencia entra no coração do rico, e o pobre torna-se para elle um objecto de atenção e de cuidados.

A sociedade deita um olhar de compaixão para os seus membros enfermos: funda asilos para o indigente sofredor; levanta o berço do filho abandonado; sustem até ás portas do túmulo o velho pela ingratidão abandonado e sem arimo; vai em socorro de todas as enfermidades e de todas as dores.

E' a caridade que inspira os sacrifícios e as dedicações; é ella que aninhando-se no coração das mulheres, nesse coração tão facil de comprehender-a, as convida para fundar as admiraveis associações a quo dão o seu nome, consagrando inteira vida á consolação da misera humanidade; é ella ainda, é a caridade que manda a longinquos paizes esses homens mais valentes que os heroes de Leonidas, que a travez de mil mortes vão encontrar no seio das florestas e sob as setas do selvagem, aquelles a quem trouxeram o nome de barbaros pelo de irmãos para elevar-los acima de sua natureza.

«A caridade é sofredora, diz S. Paulo; é aprazível, sem ser invejosa; não é temeraria nem precipitada; não se orgulha; não tem ambições, nem interesses; não se irrita; não é desconfiada; sente-se das injustiças e alegra-se com a verdade; tolera, observa, espera e sofre tudo...»

Depois desta admirável dissinião do apostolo, nada mais resta do que dizer que a Igreja fez da caridade uma das tres virtudes theologaes, e que o seu divino fundador assim resume os preceitos, dizendo: Ignore a vossa mão esquerda a esmola que com a direita houverdes dado.

Vrs.

A dama dos cravos vermelhos.

(Continuação.)

Foi unicamente depois de ter visto este homem sempre nos embates com a fortuna e sempre sobranceiro a elle, que a princesa decidiu-se a amá-lo com todo fogo do sentimento depois de haver-o comprehendido com todo o entusiasmo de sua alma.

Santa comunhão! Ella queria apparecer, mostrar-se como a recompensa e não como o fim daquella vida toda dedicada á patria, ignorando, porém, que por maior que seja o coração do homem não pôde aninhar ao mesmo tempo dois amores: dois germens diferentes não fecundam, destroem-sv, ou quando crescem chegam a arrebaratar o vaso.

Com a vista ainda turva pelas lagrimas, a princesa voltou os olhos para o decreto que o marquez havia deixado, no qual se lia a condenação capital do bandido. Lançou a mão sobre esse papel fatal, abriu-o, e dentro delle sorprehendeu algumas cartas de Orsio Furio apprehendidas pela polícia a uma camponeza. Uma terrível suspeita atravessou o seu espírito: o coração dominado até então pela mais viva paixão, deixou de parte esse sentimento para possuir-se do mais desesperador ressentimento. A injustiça do proscripto, suas palavras amargas para ella não passavam já de um crime. Um frio suor banhou as suas faces, e o peito comprimia-se-lhe cada vez mais á proporção que ia lendo: « Minha querida. — Brevemente romperei estes laços indignos, ultimos que me retêm longe de ti: acreditaste-me sem me haveres comprehendido; esta confiança duplicando as minhas forças, duplicou o meu amor. »

De repente um tiro a fez estremecer.

O marquez della Casa acabava de entrar, e a princesa correndo ao seu encontro exclamou mostrando as cartas:

— Jure, jure por sua vida que esta letra é imitada!

Um indizível sorriso crispou os labios do marquez.

— Enfim, pertence-me! pensou elle; e depois dirigindo-se á princesa em tom mais alto e ao mesmo tempo frio, continuou: Excellencia: se me houvesse sido possível prever o interesse que a essas cartas dá, á mais tempo já estariam elas em suas mãos. Quanto á sorte dos bandidos, assegure-se... estão salvos. Reconheceu-se o dedo de Orsio Furio na atrevida evasão que acabam de effectuar. Os prisioneiros rebeldes evadiram-se e o seu chefe sem duvida os acompanhou. Princesa, aceite as minhas desculpas; já vejo que me tinha enganado.

— E será formosa aquella moça a quem foram apprehendidas as cartas? perguntou a princesa. Depois como que tomando uma resolução súbita; levado seja Deus! exclamou, ainda é tempo.

Vendo a impelidir o marquez quiz tocar a cam-

pinha e chamar as criadas para socorrerem-na; porém elle impediu-o dizendo:

— Responda-me: não merece a morte o homem que faz jogo da hora de uma mulher trahindo os próprios juramentos?

O marquez estremeceu.

— Eu lh' o entrego! continuou a princesa, indicando com um gesto o escondrilo do bandido; e logo depois, como que não podendo com o peso que aquelle exforço lhe havia atirado sobre o peito, fechou os olhos e caiu desmaiada, semimorta sobre uma cadeira.

O marquez fez entrar alguns guardas e acompanhado por elles abriu a porta secreta e entrou no logar em que se achava occulto o bandido.

Orso Furio estava de pé e nem buscou evadir-se; atirou as armas para longe de si e estendendo os braços para as cadeias que se lhe apresentavam e fitando por alguns momentos os olhos no chefe de polícia, apenas disse:

— Polizei mulher!

Em um tempo suas esperanças, seu odio, seus remorsos foram recalados no fundo do coração, e seu rosto tornou-se impassível; parecia o marlinda á pouco ensurecido, levantando as suas aguas e logo depois coberto de gelo...

O sol brilhava reflectindo por toda a parte os seus dourados raios; a natureza parecia embalar-se em uma doce aragem, tudo estava tranquillo; porém aos ouvidos do bandido não chegava nem um som dos hymnos de liberdade que estariam entoando os seus companheiros de armas. Tudo estava tranquillo, mas tambem mostrava-se triste aos olhos do bandido. Arrastaram-n'o.

O povo corria a apinharse no logar da execução: os carrascos erguiam o cadafalso, aquelle lugubre leito sobre o qual á face dos céos insulta se a propria morte.

Arrastaram-n'o.

— Foi elle, dizia um, que matou Ascanio traíçoeiramente!

— Eu o reconheço, dizia outro: foi elle quem profanou as sagradas imagens!

— Morte ao traidor! respondia um terceiro.

Uns ameaçavam-n'o com os punhos fechados: outro atiravam-lhe ao rosto pó e pedras; a confusão começava a reinar n'aquelle campo de morte, quando uma moça a rompendo á custo a multidão e approximando-se do misero ofereceu-lhe um bouquet que trazia.

Seria sua irman ou sua amante?

E a multidão abriu-se ainda uma vez ante elle comovida por tão generosa acção. Orso Furio chorava.

Algum tempo depois, o marquez della Casa ocupava em Vienna uma clivada posição. Por meio de execuções rápidas e perfeitas impossivel fazer menor de acalmar a aferrente massa. Ele deu ordens de

apontava o como o pacificador e pedia-o para seu governador.

A princeza Corregiani tornara-se a favorita do palacio e a distribuidora dos favores da corte. Era a rainha da moda; seus caprichos eram leis, suas phantasias modos. Joven, bella, radiante, todos a suppunham feliz.

Um dia, depois de haver sahido do seu banho perfumado, mais bella, mais seductora que nunca, a princeza sentou-se defronte do seu piano procurando lembrar-sé de uma antiga aria de que outr'ora tanto havia gostado. Não obstante seus esforços, não conseguiu tirar do tecido sinão uma harmonia simples e tocante de Mendelssohn.

Quando acabava e ia levantar-se um criado abrindo o reposteiro anunciou que Fr. Giuseppe pedia o favor de uma audiencia. A princeza mandou-o entrar e ajoelhando para receber a benção do virtuoso prelado, beijou-lhe a mão.

— Minha filha, disse o padre logo que se acharam sós: os deveres do meu ministerio trazem-me para junto de vós. Ha algum tempo fui dar as derradeiras consolações da Igreja a um criminoso que morreu sem tremer, sem cobardia: nada de mais communum do que uma morte tranquilla; nada mais raro do que uma bella vida! No momento em que o golpe lhe ia ser descargado: — Meu padre, disse-me, quer tornar-me muito feliz? — O sangue ia lavar-lhe os crimes, o cadafalso approximava-o do céo: estava tão perto de Deus que o considerava sagrado. Prometi-lhe pois cumprir o que me pedisse. — Meu padre, proseguiu entio; quando eu tiver cessado de existir, procure a princeza Corregiani: diga-lhe que durante minha vida só dou amoress tive, um por ella, outro por minha irmã. Diga-lhe mais que eu lhe perdo, e entregue-lhe esta ultima lembrança d'aquelle que em breve não mais viverá.

Proferindo estas palavras Fr. Giuseppe apresentava à princeza um bouquet de cravos a que o sangue havia dado a sua cor.

A princeza cahio de joelhos e como desvairada, fazendo Fr. Giuseppe ouvir uma confissão terrivel. Elle comprehendeu que uma ideia de vingança brilhava, como uma expliação, nos olhos da princeza, e apressou-se em dizer: — Lembre-se de Orso Furio, minha filha; elle disse que perdoava!

Tornei depois a encontrar-me com lord Kepel, que fallou-me ainda da princeza. Vive em Napolis, onde a prendem os deveres de um cargo que exerce na corte. Vestida sempre de preto, conserva ainda o seu admirável enfeite. E estimada de todos, faz muitas esmolas e soccorre os desgraçados.

Gery.

Revista de theatros.

(19 DE NOVEMBRO)

SUMMARIO.—GYMNASIO:—Concerto de Elena Conran; Valentina, em beneficio do Sr. Graça.—S. PEDRO:—Erro e Amor.

Tres factos importantes constituem um relevo da semana theatrical: o concerto de Elena Conran, o beneficio do Sr. Graça, e o concerto de Luiz Anglais.

Comecemos pelo primeiro.

Estava anunciado e todos esperavam esse serão lyrico de que a Sra. De La Grange faria parte. O alto merecimento da illustre carreira devia necessariamente atrahir uma concorrencia real.

Não foi illudida a expectativa. A sala do Gymnasio engorgitava de povo avido de ouvir ainda uma vez a distincta e illustrada artista.

O concerto, na verdade, foi brillante.

Já falei de Paulo Julien em outro lugar. O joven artista fez parte do concerto, e de arco na mão, sancionou a opiniao que delle manifestei em uma das revistas passadas.

Mas apesar de tudo, apesar da voz sympathica da Sra. Conran, e dos dedos maravilhosos da Sra. Rémond e do pequeno allemão, as horas da noite couberam á certo à Sra. De La-Grange.

O dueto da Norma foi freneticamente applaudido; mas onde se manifestou o furor foi na celebre polka que a Sra. De La-Grange tem como a sua, talvez, mais querida flor artistica.

Se ha mãos que valem reinos, ha gargantas que valem mundos. A Sra. De La-Grange revela effectivamente naquella phrase de melodias, mais que um direito de realze, um direito de adoração.

As impressões produzidas pela execução da polka, são realmente indefiníveis. As massas, como um Icaro collective, prendem-se nas azas do hymno e procuram seguir-lhe as harmonias para além dos planetas. Tarefa escabrosa! A ultima nota cabe cheia de vida e de inspiração; as almas despenham-se: é a terra. Foram-se as nuvens; resta a implacabilidade das cadeiras.

Não será esta a linguagem da analyse, mas eu não sei que se falle outra depois de ouvir o que ouvi. Seria vestir uma caçaca ao ideal, ou calçar botas ao infinito. É rude a comparação, mas é exacta. Não acho outra mao.

A platéa fez justiça ao alto merecimento da Sra. De La Grange. Em consciencia, devia-o. Era necessário que o publico sancionasse a reputação que se lhe não contesta de ilustrado; era mister que a Sra. De La Grange entre as recordações amargas que porventura tenha de levar da nossa terra, não guardasse uma idéa pouco generosa deste publico tantas vezes calumniado, mas justiciero no fundo.

Com efeito, chamada á cena muitas vezes, teve de repetir a sua polka; e o publico no entusiasmo expon-tâneo que o dominava aplaudio-a freneticamente.

Entretanto uma parte capital do concerto que não estava anunciada no programma — esperava a artista e o publico.

Era um grupo de artistas, a companhia do Gymnasio, que vinha offerecer a artista uma prova de alto apreço em que tem o seu merecimento.

A Sra. D. Gabriella á frente de seus companheiros, era encarregada de reproduzir os sentimentos de que todos estavam animados. — Trazia uma corda de beija-flores, e ao offerecel-a á cantora pronunciou com voz commovida as seguintes palavras:

« A companhia do Gymnasio Dramatico offerece a ti, artista, de não vulgar talento, a ti, mulher de coração, boa, benevol, benficiente, um pequeno testemunho do apreço em que tem as tuas eminentes qualidades como artista e como senhora.

« Agora permite a tua irmã de arte, não rica de talentos como tu, que imprima em tua mão um beijo, em signal de admiração, de respeito e de saudade. »

Dada a corda, pronunciadas as palavras, a Sra. De La Grange, abraçou com effusão e reconhecimento a sua irmã de arte. As palmas romperam então mais entusiasticas, ao ver aquellas duas cabeças altamente talentosas que se uniam pelo abraço do afecto e pelo osculo da fraternidade.

No espirito do publico havia alguma cousa acima das sensações normaes; o acto que a companhia do Gymnasio acabava de praticar fallava bem alto e produzia uma nova ordem de impressões. As sympathias de que gosa o Gymnasio cresceram depois daquella noite memorável. Comprehendeu que a arte é uma cruzada onde o osculo reciproco alenta a coragem commun.

Acertou.

Um ramalhete foi ainda offerecido á Sra. De La-Grange por cada um dos artistas.

Eu gosto de ver esses sentimentos de fraternidade em uma época que levantou o egoísmo por dogma. Aprecio essa comunhão de espíritos que é por ventura a religião da arte.

A Sra. De La-Grange, penhorada pelas maneiras e pelas palavras da Sra. D. Gabriella, e compenetrada do seu eminent talento, enviou á mesma senhora uma carta, onde a bondade da mulher se casa ao entusiasmo da artista. E' ao mesmo tempo um aplauso e um afecto.

Taquelle noite para a cantora e para os artistas do Gymnasio restará eterna uma saudade.

Passemos ao segundo facto cardeal da semana: o beneficio do Sr. Graça.

Valentina drama em quatro actos foi a peça que o distinto artista deu como espectáculo aos seus convidados. Não é completo, é apenas um grupo de bellezas atadas como que a esmo. Conhece-se através das scenas

uma pintura carregada de caracteres, um descarnado de sentimentos, talvez pungentes de mais. O poeta na apreciação moral da acção tomada, esqueceu-se das exigências da forma, e a face plástica não satisfaz plenamente o publico.

Toda a acção d'uma luta de sentimentos, um martyrio aqui, uma oppressão lá. Drama íntimo, se perde na incorrecção da forma; ganha no contraste palpitante dos caracteres. Ha scenas, ha lances verdadeiramente dramaticos. A apparição do menino afogado, quando os dous espssos estavam em luta intima de paixão, é de mestre: o filho vem reconciliar duas almas que se desprendiam. O sangue de ambos vinha dizer: — não se podem separar, eu sou o elo que os prende.

A Sra. Gabriella, no papel de Valentina, interpretou cabalmente o caracter da protagonista. A unção de sentimento, deu-a ella, á phrase e ao gesto: e nas scenas capitais da peça, reproduz tanta verdade, que o espirito como que se incomoda; é doloroso de mais.

Foi um desempenho magistral, apesar de incommodada como estava nessa noite. A platéa chamando-a á scena depois do drama, traduziu-lhe a satisfação em que estava, com palmas entusiasticas. Tocante apotheose!

O Sr. Graça tinha um papel trabalhoso, e que não era absolutamente comic. Além de um bello característico, reproduziu plenamente o meio caracter do boticario... chimico, se me faz favor!

Artista de merecimento e de largo genio comic, o Sr. Graça não precisava desta nova creação para constituir no Edén da arte a sua pagina de futuro. O preenchimento da sala e as palmas que o sondaram, são provas não equivocas de uma admiração justa. Mereceu-as: artista eminent e homem honesto, ocupa, como deve um lugar distinto na consciencia publica.

A dureza e a ingratidão de Henrique foram postas em acção com felicidade pelo Sr. Furtado; o amor e o ciume de Valentina, tem por força opposta uma dura levian-dade de seu marido, e nesse contraste que faz o drama rivelou o Sr. Furtado bastante estudo.

Em S. Pedro o beneficio do contrabasso L. Anglais, nos deu o Ero e Amor, como parte dramatica; e como parte lyrica as notas derradeiras de Mme. De La Grange no Rio de Janeiro.

Foi mais um triumpho para a eminent cantora. O theatro estrugia em um trovão de palmas; palmas eloquentes que provavam á Sra. De La Grange, entusiasmados não pantados por interesses da sombra. Foi repetidas vezes chamada á scena, e vitoriosa de uma maneira estrondosa. Cordas, ramalhetes, flores, calharam a seus pés, como as derradeiras das palmas capitolinas colhidas entre nós.

O tablado, como o Jano da fabula, tem duas faces distintas; o Golgotha de um lado: do outro o Capitólio. A distinta cantora que vai mar em fóra em busca de novos climas, encontrou talvez, sem o esperar, os espi-

nhos do primeiro; acaba de colher as mais viçosas palmas do segundo; é uma sublime desforra!

Os dous ultimos triunfos são as bençãos que lho de acompanhal-a na sua rota do mar. Seja essa a redenção do publico fluminense.

De uma causa fico eu convicto, assim como uma grande parte da população: não será facil substitui-la tão cedo.

O dialogo de contrabassos foi merecidamente aplaudido. O Sr. Anglais, faz na verdade maravilhas em seu pesado e prosaico instrumento. A noite de hontem provou mais uma vez a reputação de que goza, assim como deu a conhecer um patrício nosso, que em nada promete desmentir o talentoso professor.

Passemos ao *Erro e amor*.

A sala dos dous primeiros actos é apropriada a época; e são de gosto dos moveis. A decoração da herdeira no 3.^o acto, se merece elogios pelo lado da pintura, não o merece na concepção. É uma fantasia, um capricho, um grupo de objectos, accessórios, sem definição, nem cabimento. Revela na profusão uma herdeira de lavrador opulento, e não a casa de dous esposos que começam a vida apenas.

Erro e amor, não é um drama, é um galeria de scenas desconchavadas, que provam evidentemente a incapacidade do Sr. José Romano, como dramaturgo. Tanto a concepção, como a forma, são um tanto laborioso e exiguo de mal pensadas noites e lucubrações.

Escrevo appressado porque a hora se esgota. Com tudo passarei em resenha os mais notaveis defeitos, pelo menos os que me ficaram de memória, fraca como a tenho.

Eis os capitais:

O marquez de Villa Velha encontra a mulher no quarto, e ouve uma voz de homem, que por atenção ao Sr. José Romano, acredo que estivesse na rua. Volta para a sala com ella e não alcançando saber quem era essa pessoa misteriosa, tira um papel que faz a marquez assignar. A marquez, esquecendo-se de sua posição espinhosa, começa a discutir com o marido a sua assignatura. De maneira que o erro, o facto capital do drama cede a uma discussão de papel de venda.

Nem se diga que o jogo reagia sobre a honra na alma do marquez; tanto não é isso, que no fim do 2.^o acto o bom homem cai sobre sua cadeira ao ver um seu amigo que procura conter a marquez na sala por meio de duas pistolas que traz. Caihindo sobre a cadeira, o marquez exclamou com dor: — Faltava-me a deshonra!

Um moço, apaixonado pela marquez e a que a marquez ama também; figura que a accão procura fazer sympathetic, rapaz abrasado por um amor puro, desenvolve no segundo acto umas theorias diante da marquez, proprias para um desmoronamento social. O amor, diz elle pouco mais ou menos, o amor é de Deus, creou-o

Deus; o dever é dos homens, o dever é da sociedade. — Escute o amor, esqueça o dever, Excellencia!

E' verdade que a marquez em compensação tem uma tirada de moralidade escripta de propósito para fazer pendant ás theorias do outro. Mas justifica isto alguma cousa? As simples palavras do amante, não lhe tiram a luz sympathica que devia iluminar-lhe o carácter? Creio que não ha dúvida.

E a morte do marquez! Diante de seu inimigo, diz-lhe que vai matá-lo. Não o mata. Faz-lhe um discurso em estilo guindado, e depois da-lhe uma das pistolas que traz. E' um duelo, pelo que vemos. Que faz o marquez depois de lhe dar as pistolas? Põe-se em guarda? Nada, vira-lhe as costas. O outro mais fino que o Sr. José Romano, dispara!

Sinto parar aqui; nem mais uma linha de espaço. Domingo prometto fazer uma larga analyse.

Nem me é dado fallar em S. Januario, onde fui ver o *Anjo Maria*. — Excepção feita de alguns defeitos de desempenho o drama satizfez-me. O cuidado do *mise en scene*, e o estudo dos diversos papeis prova por ventura vontade e trabalho por lá! Ainda bem! o trabalho é sempre fecundo — a arte pede sempre sacrifícios!

M.-az.

Perdão!

I.

Perdão, se um dia insensato
Tanta fortuna aspirei,
Fui tão louco e temerario
Que ser amado julguei!
Perdão! A culpa foi minha!
Fui eu só o criminoso!
O malfadado fui eu!
Olhei com olhos da terra
Para as venturas do céo.
Perdão para a minha audacia!
Perdão para o meu soffrer!
Eu buscava em ti a vida,
Mas tu me mandas morrer.
Eu beijo a mão que me mata,
Pois punindo o meu delírio
Dá me as glórias do martyrio!
Perdão! Outra vez — Perdão!
Os crimes do coração
Deveni-nos ser perdoados
Quando somos desgraçados.

II.

Muito soffri! Inda agora
Padeço, padeço tanto,

Que se visses o meu pranto
Ai ! de mim terias dó !
Ao desatinó na vida,
Sem saber quem me conduz
Só de ti me vem a luz,
E's o meu mundo tu só !
Nem sei se existo !

Mas diz-me
Este fogo, que em mim corre,
Que o sentimento não morre
Que o amor é immortal ;
Pois a tanto resistio
Em mim esta chamma ardente
Que mais a sinto potente
Quanto maior é meu mal.

III.

Ousei dizer que te amava !
Fui covarde — tive medo
Que guardado este segredo
Me queimasse o coração.
Devia tê-lo occultado
Para ver se assim a dor
Podia na intensidade
Igualar a meu amor,
Mas não pude ; fui um fraco :
Tudo enfim te confessei.
Para dar-te quanto tinha
Nem meu segredo guardei.
Imprudente ! não sabia
Que o segredo revelado
Torna o homem desgraçado
Quando salval-o podia !

IV.

Agora que tudo sabes
Perdoa meu crime audaz ;
Não julguei que o pensamento
Fosse tão grande tormento
Para quem perdeu a paz
De seu íntimo viver.
Sei que me cumpre sofrer :
Mas tem pena de minha alma.
Que no fogo da paixão
Vai queimar-se impenitente,
Vai arder sem contrição !
Perdõa, que o teu indulto
Se me não salvar a vida,
Talvez que traga bonança
A minha razão perdida.
Oh ! perdão, anjo do céo !
O crime sómente é meu.

V.

Irei buscar, se me ordenas,
O meu perdão a teus pés.
Se mesmo assim me condennas,
Eu me resigno, bem vés.
Amado, sou venturoso !
Mas se punes sem piedade,
Guarda ao menos a saudade
De meu amor desditoso,
E das lagrimas que verto
No mais íntimo do peito,
Como sobre os teus arminhos
Gottas de sangue arrancadas
Por minha coroa d'espinhos.

VI.

Vê que a minha redenção
Depende de teu perdão !

R. Fragoso.

Adeus à vida.

Céus ! neste abysmo de horrores
Em que desespero e gemo
Julgava já ter das dores
Attingido ao grau supremo.
Porém, mentira ! a desgraça
Preparava nova taça
De um martyrio novo, estranho...
Tenho saudade, meu Deus,
Dos passados males meus
A vista de um mal tamanho !

Sob o céu tempestuoso
Da minha existência escura
Vi passar, eu desditoso
Vi passar como a figura
Se de anjo ou mulher ignoro ;
Mas passou qual meteoro
E estendido após de si,
Por onde a fulgir passou
Um sulco de luz deixou
O anjo, ou a mulher que en-vi.

O anjo ou mulher que é della ?
Em que abysmo se sumiu

Luz que assim fulgio tão bella,
Que tão breve assim fulgio?
Deus! o mimoso clarão
Impresso na negridão
Da minha vida extingui,
Se é que eu tenho de morrer
Sem que torne mais a ver
O anjo ou a mulher que eu vi!

No sepulcro deste peito
Morto o coração dormia;
Já todo em cinzas desfeito
Nem dor, nem prazer sentia.
Mas tu, celeste visão,
Ao já morto coração
Como dar vida pudeste?
Se Deus tu não és, — do mal
Tremendo archanjo infernal,
Donde tal poder houveste?

Do inferno? Poder sem fim
Satanaz — por Deus!, não tem;
De lá tanta luz assim
Por Deus! ao mundo não vem.
O que és tu pois? Infinita
Ventura que esta alma afflita
Sobre as azas de um momento
No nada vio se abysmar
Para novo fel tragar
De immenso, immenso tormento.

Que aquelle sulco lucente
Que fulge na negridão
Da minha vida é serpente
Que leva-me o coração
Continuo, atroz a roer;
Que envolve todo o meu ser
Num limbo de fogo eterno!
Luz que deu-me a ver no céu
Do um anjo a face sem veu
Para arrojar-me no inferno!

Se ainda pudesse eu vel-a
Ao menos um só instante
Formosa, mystica estrella
Nas trevas da vida — errante!...
Feliz... feliz... Mas loucura...
Ainda esperar ventura

Quem nasceu para a desgraça
E curvo ao peso da sorte
Espera bem cedo a morte
E a vida gemendo passa!...

Tragando o calix das dores
Para que viver? Não quero;
Só descanso entre os horrores
Do sepulcro achar espero.
Do mundo illusões perdidas,
Esperanças descachadas
No gelo do desengano...
Luz de um só instante, adeus!
Vão volver os dias meus
Da eternidade ao arcano.

Gomes de Souza.

Enlevo.

A' meia noite, silenciosa a terra,
Eu quero a vida reviver contigo.,
Nova existencia de dourado enleio
De amor ditosa, vem sonhar comigo.

Sobre o meu peito enrubecida, anciosa
Eu quero vêr-te de mens — ais — rendida,
De amor captiva, perfumados beijos
Minh'alma triste colherá na vida.

E tu em gosos de um sentir profundo
Caricias ternas, meu amor fruindo,
Sempre a meu lado, divinas prazeres,
Celestes sonhos, gosarás sorrindo.

Assim da vida as esmaltadas flores.
De nossas almas nascerão formosas,
Aerio mundo habitaremos ambos,
Amante imperio, que existir de rosas!

E então contigo, em anhelante abraço
Vendo-te bella a palpitar tremendo,
Sobre o teu collo de volupia cheio
Quero o meu rosto reclinar morrendo.

F. J. Bittencourt da Silva.

TYP. DE F. O. QUEIROZ REGADAS

Praça da Constituição n.º 9.

1859.